



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7431 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

## EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E TECNOLOGIA: DURANTE E PÓS-PANDEMIA

Lhays Marinho da Conceição Ferreira - UERJ - FEBF - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E TECNOLOGIA: DURANTE E PÓS-PANDEMIA

Atualmente, com o isolamento social devido ao COVID-19 vê-se uma “transformação” da educação presencial para educação a distância, onde professores de todos os níveis da educação necessitam gravar vídeo-aulas, realizar videoconferências, produzir material a ser enviado virtualmente, etc. Movimento esse que ocorre em instituições privadas e públicas.

Entendendo a complexidade de estabelecermos como “ideal” a Educação a Distância (EAD) como representação da educação presencial, reflito a partir das lentes de Jacques Derrida, em um aporte pós-estrutural – a EAD como aporia; doravante um recorte de pesquisa de Doutorado em andamento. Aqui, não entende-se aporia como uma ferramenta crítica ou como algo que irá contabilizar todos os paradoxos, mas como condição para o pensamento.

Com o covid-19 o distanciamento social põe desafios complexos à educação, onde veem a possibilidade de substituição total da educação presencial com o uso das mídias. Embora o ato de educar se faça a partir de relações e trocas, abraços, olhares e etc. Percebe-se a acentuação das desigualdades, por conta do uso, dos materiais, do acesso à internet, formação dos professores e outros fatores; e ainda há uma impossibilidade de suplementação da Educação Presencial pela Educação Online (trocas entre os pares de forma síncrona), o que atualmente ocorre com frequência, a partir do uso do *Google Meet* e do aplicativo *Zoom*, por exemplo.

Há escolas que optam pelo Ensino Remoto, onde um espaço virtual é um lugar/momento de formação, que difere do momento/lugar habitual da aula presencial, há readaptações, ressignificações e reaprendizagens do que é aprender e ensinar. Defendo que isso é discutir Currículo, pois em meu entendimento, a partir de aportes pós-estruturais, o currículo não é apenas um documento que irá nortear o trabalho docente, ele se faz e refaz nas contingências, ambivalências, nas imprevisibilidades e tensões. Em todo momento estamos produzindo currículo; durante a pandemia professores, gestores, alunos e famílias estão produzindo currículo, em suas relações com o notebook, com os materiais postados online ou com uma dinâmica estabelecida a partir da imprevisibilidade colocada pela pandemia.

E essas tensões e escapes colocam uma lupa no entendimento de tecnologia, muitos acreditam que o uso das tecnologias móveis garantirá qualidade na educação, as tecnologias são vistas como prognóstico para superar a crise na educação, com uma promessa de mediar o

ensinoaprendizagem em tempos de isolamento, mas de fato isso tem ocorrido? É possível garantir que este modelo de educação remota irá funcionar, alcançar a todos? Precisamos entender que a busca pela homogeneização só nos trará um olhar ainda maior para a diferença, nossos alunos não são robôs, estão vivos e produzem conhecimento, cultura, currículo.

Derrida irá discutir as consequências do tempo transformado pela tecnologia, produzido como *actifactuality* e *actuvirtuality* (DERRIDA; STIEGLER, 2002). Ao se referir à primeira, o autor irá problematizar a realidade como artefato, no qual por meio de um tempo artificial é produzida. A realidade é percebida como esquemas ficcionais deslocados constantemente. A *actuvirtuality* tem consonância com a relação entre real e virtual a partir de fronteiras borradas, ou seja, que não são localizadas ou totalmente controlados. Um mundo rizomático em que a comunicação virtual cria comunidades, sem que necessariamente elas carreguem sentidos de pertencimentos. Um mundo que “requer teorias do desenraizamento, da alienação e da distância psicológica entre os indivíduos e grupos por um lado, das fantasias (ou pesadelos) da contiguidade electrónica por outro” (APPADURAI, 2004, p.45).

Nesse mundo em intenso processo de mudanças emergem, sem possibilidade de controle, todas as contingências e ambivalências que caracterizam as formações humanas. Um cenário plural, denso, composto de referências e virtualidades que se cruzam. Nesse tempo, há num “movimento exploratório incessante, que o termo francês *au-delà* capta tão bem – aqui e lá, de todos os lados, *fort/da*, para lá e para cá, para frente e para trás” (BHABHA, 2013, p.19), havendo um “cruzamento de figuras” e imagens, somado às referidas abundâncias dos nossos tempos (MARTINS, 2011).

O fluxo que se estabelece entre o mundo material/real e o virtual confere novos significados para a produção do conhecimento e afeta as formas de apreender o mundo. Com isso, contribuem para colocar em questão os paradigmas que sustentam e organizam o funcionamento das escolas, inclusive as formas de organizar os processos pedagógicos.

A EAD pensada como possibilidade de atingir uma realidade é posta em cheque quando pensamos a partir da impossibilidade de se atingir uma verdade absoluta, no qual há aporia entre impossibilidade e necessidade de todo processo de significação. Processo em disputa pela dimensão da sala de aula física como igualdade ou sendo representada via online. Entende-se então, que não há como ter uma possibilidade de realidade como plenitude, e de significar a EAD como igual ou substituta íntegra da educação presencial, pois suplementar uma educação nos indica sempre uma falta e demonstra sempre um excesso, num jogo duplo, nunca binário, incapaz de ser uma coisa, um entre presente, uma ausência total de uma “essência”. Não é possível então ter a EAD como suplemento da Educação Presencial, pois o suplemento põe fim às oposições, escapa sempre ao dualismo (SANTIAGO, 1976, p.88), pois é impossível encontrar uma essência absoluta que diferencia ou aproxima as duas formas de educação.

Pensar a Educação pós-pandemia é entender que não há como prever, controlar ou saber o que irá acontecer, podemos até buscar uma nova organização, mas sempre algo escapará, se o ensino remoto ou híbrido será estabelecido, ou se outras formas de organização virão, não temos como prever. O que podemos encarar como parte que está constituindo a realidade é que não é possível pensarmos educação sem relação, não é possível então, voltarmos às aulas presenciais sem vacina, não é possível garantir ainda que todos terão acesso às aulas remotas, o que podemos fazer é construir currículo e novas possibilidades a partir das imprevisibilidades que estão em curso.

A crise da modernidade tem deixado explícita que a imprevisibilidade é inerente ao funcionamento do social, como um acontecimento que “surge, e, ao surgir, surge para me surpreender, para surpreender e suspender a compreensão: o acontecimento é antes de mais

nada tudo aquilo que eu não compreendo” (DERRIDA, 2004, p. 100) e, em consequência ao ambiente escolar, e agora, ao ambiente familiar. Sendo que o estancamento de sentidos que se faria necessário para que todos pudessem ter o mesmo entendimento sobre alguma coisa, nunca se realizará. Que os consensos em torno de sentidos que estabelecemos contingencialmente serão sempre instáveis e conflituosos (MOUFFE, 2001). Aceitar a imprevisibilidade como inerente às relações humanas é o desafio que se coloca para a educação contemporânea.

**Palavras-chave:** Currículo. Tecnologia. Ensino Remoto. Pandemia.

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. Dimensões culturais da Globalização. Lisboa: Teorema, 2004.

BHABHA, H. K. O local da cultura. 2. Ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

DERRIDA, J. Papel Máquina. Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

\_\_\_\_\_, Jacques; STIEGLER, Bernard. Echographies of television: filmed interviews.

Cambridge, UK; Malden, MA: Polity; Blackwell, 2002.

MARTINS, D. M. B. A TESSITURA INTERSUBJETIVA DOS ENTRE-LUGARES: O que pode um grupo? In Revista de Estudos Antiutilitaristas e PosColoniais. Vol.1, nº 01, Jan-Jun 2011.

MOUFFE, C. Identidade democrática e política pluralista. In: MENDES, C. (Coord.). Pluralismo cultural, identidade e Globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 410 – 430.

SANTIAGO, Silviano. Glossário de Derrida. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.